



**SOCIEDADE
CRISE E RECONFIGURAÇÕES**

VII CONGRESSO PORTUGUÊS DE SOCIOLOGIA

19 a 22 Junho 2012

Universidade do Porto - Faculdade de Letras - Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação

ÁREA TEMÁTICA: ST3 Pobreza, Exclusão Social e Políticas Sociais

A Pobreza e a Exclusão Social no Brasil e em Portugal: um estudo comparativo

PAULA, Sandra Leila,
Pós Doutorado em Sociologia,
Universidade Federal de Uberlândia/MG/BR,
sandraleila@uol.com.br

Resumo

Nosso trabalho é resultado de pós doutoramento realizado na Universidade do Porto, no qual nos propomos a um estudo comparativo a fim de pensar as relações centro / periferia em dois países (Brasil e Portugal), nas cidades de Ribeirão Preto (Brasil) e Porto (Portugal), em espaços sociais periféricos e violentos das duas cidades, o bairro periférico do Ipiranga (Ribeirão Preto/Brasil) e o bairro social do Lagarteiro (Porto/Portugal), no intuito de analisar e compreender a organização desses espaços sociais, em suas características e imbricações, identidades e diversidades, especificidades e generalidades, abarcando a organização desses espaços econômicos, sociais e culturais internos, bem como em sua dinâmica interna / ampliada; entre centro e periferia do capitalismo mundial. Enquanto espaços de segregação social, encontramos uma rearticulação entre formas de sociabilidade tradicional, capitalista e das/nas ruas, bem como a reorganização familiar predominantemente baseada na monoparentalidade materna. Dessa forma, nos propomos a tratar, nesse trabalho, de pensar nas diversas e rearticuladas formas de vivência familiar, em espaços sociais segregados/de exclusão, numa perspectiva comparativa entre Brasil e Portugal, entre centro e periferia do capitalismo atual, considerando as diversas e significativas modificações, nesses espaços, no que concerne às suas vivências nessas famílias e espaços sociais.

Abstract

Our work is the result of post doctorate conducted at the University of Porto, where we propose a comparative study in order to think the relations center / periphery in two countries (Brazil and Portugal), in the cities of Ribeirão Preto (Brazil) and Porto (Portugal) in peripheral and violent social spaces of the two cities, the outlying neighborhood Ipiranga (Ribeirão Preto / Brazil) and the neighborhood's social Lagarteiro (Porto / Portugal), in order to analyze and understand the organization of social spaces in their characteristics and overlapping, identities and diversity, specific and general, covering the organization of economic spaces, internal social and cultural as well as its internal dynamics / RF; between center and periphery of world capitalism. While areas of social segregation, we find a rearticulation of traditional forms of sociability, capitalist and / in the streets, as well as family reorganization predominantly based on single-parent mother. Thus, we propose to treat in this work, think and rearticulated in various forms of family life, in social segregation / exclusion in a comparative perspective of Brazil and Portugal, between center and periphery of capitalism today, considering the diverse and significant changes in these spaces, in relation to their experiences in these families and social spaces.

Palavras Chave – Identidade; Diversidade; Capitalismo; Segregação e Exclusão social

Keywords – Identity; Diversity; Capitalism; Segregation and Social Exclusion

PAP0477

Partimos de reflexões que há muito vem nos inquietando quanto às formas de organização e reorganização sociais das populações pobres nas periferias do mundo.

Compreendemos o capitalismo e suas formas de expressão variadas, como decorrentes da mesma ordem (dominação política e exploração econômica de um grupo social sobre os demais), porém, a sociedade produtora de mercadorias (KURZ, 1992), enquanto um sistema mundial de exploração econômica e dominação política se faz em meio a contradições/confrontos/conflitos entre classes, grupos, etnias, gêneros, o que reproduz-se nos mais diversos espaços sociais e das mais variadas formas a sua dinâmica básica

Embora sistema mundial, compõe-se por um mosaico de diversidades que, de acordo com cada espaço social em que se instala, carrega consigo as expressões da cultura, dos valores, da ética, dos costumes, a história de constituição do povo que a construiu e coabita em cada espaço, em suas relações econômicas, políticas, culturais, ideológicas que, embora sigam a regra fundamental da produção, reprodução e ampliação do capital, sob a dominação de determinada classe social, compõe-se de modo diferente, específico, peculiar, não somente em suas relações internas, mas na totalidade do sistema

Dentro dessa lógica, as relações se estabelecem entre os sujeitos, tanto quanto entre classes e diversas sociedades de países distintos. Da mesma forma que os sujeitos estabelecem relações de sujeição no processo de trabalho, no nível subjetivo, no nível objetivo, ampliado, se estabelecem relações de sujeição entre classes, dentro das sociedades, como fora e entre elas (entre países de blocos econômicos e políticos distintos)

Isso significa que o sistema produtor de mercadorias possui uma dinâmica intra e inter classes e sociedades no mundo atual. Determinadas economias integradas fazem sobrepor seus interesses e suas regras em consonância com a lógica do sistema produtor de mercadorias e as novas exigências do capital, no mercado mundial. Em contraposição, as sociedades menos integradas acabam por ser incapazes de atender a essas novas exigências e assim os conflitos, a violência, os bolsões de miséria por quase um terço do planeta.

Enquanto Portugal integra a comunidade européia e outrora colonizou o Brasil, esse último integra o bloco dos países em desenvolvimento no quadro internacional e outrora foi colonizado e dependente dos países europeus, principalmente Portugal.

Isso nos coloca em blocos de desenvolvimento econômico e poder político distintos; para Kurz (1992), na dinâmica do sistema produtor de mercadorias, uma relação entre vencedores e vencidos, integrados e excluídos nos mais variados níveis e de maneiras muito complexas e contraditórias :

“(...) todas as sociedades, tanto as integradas quanto as incapazes de atender às novas exigências da atualidade, possuem suas classes e representantes, tanto do sistema produtor de mercadorias quanto dos sujeitos a ele.” (KURZ, R 1992, p. 47)

Assim, dada a complexidade das relações mundiais, embora tenhamos posições distintas nos blocos econômicos e políticos, nas relações internas reproduzimos essas relações. Não são todos os espaços, sujeitos e relações que se submetem simetricamente a essa dinâmica. Dentro de cada sociedade podemos encontrar, a reprodução das relações entre as classes, entre integrados e excluídos em relação a dinâmica capitalista. Seja da Europa ou da América Latina, em todos os lugares há exploração do trabalho, a dominação entre as classes, a contradição entre trabalho e não trabalho, entre integrados e excluídos que o próprio sistema, em sua dinâmica, gerou.

Porém, ainda que integrantes de uma dinâmica mundial, cada sociedade organiza-se e cria mecanismos próprios

“Para compreender o que se passa em lugares como os ‘conjuntos habitacionais’ ou os ‘grandes conjuntos’, e também numerosos estabelecimentos escolares, aproximam pessoas que tudo separa, obrigando-as a coabitarem, seja na ignorância ou na incompreensão mútua, seja no conflito, (...) É necessário confrontá-los como eles o são na realidade, não para relativizar, (...) mas, ao contrário para fazer aparecer, pelo simples efeito da justaposição, o

que resulta no conflito de visões de mundo diferentes ou antagônicas.”
(BOURDIEU,P.,1997, p.11)

Encontramos então sujeitos, espaços e sociedades calcadas na contradição entre classes, entre trabalho e não trabalho, entre gêneros, etnias, gerações, espaços sociais de inclusão e exclusão e toda a multiplicidade de contradições que caracterizam as nossas sociedades.

Nesse sentido, aos excluídos que o próprio sistema gerou, diferentes alternativas são encontradas nos diversos espaços sociais, inclusive a transgressão, revolta e a violência.

“Esta agressividade sedimentada nos músculos, vai o colonizado manifestá-la primeiramente contra os seus. É o período em que os negros brigam entre si e os policiais, os juizes de instrução se exasperam-se ante a assombrosa criminalidade norte-africana. (...) O homem colonizado liberta-se na e pela violência. Uma vez que nós e nossos semelhantes somos liquidados como cães, não nos resta senão utilizar todos os meios para restabelecermos nosso peso de homem.”(FANON,F., 1979, p. 39 e 255)

Como podemos assistir em todas as partes do mundo em maior ou menor escala, nos espaços sociais de exclusão, de modo a assustar toda a gente e, principalmente, a assombrar os blocos no poder.

“A favela consagra a decisão biológica do colonizado de invadir custe o que custar e, se for necessário, pelas vias mais subterrâneas, a cidadela inimiga. O lumpen-proletariado constituído e pesando todas as suas forças sobre a segurança da cidade, significa o apodrecimento irreversível, a gangrena instalada no coração do domínio (...) admitem a sua incapacidade de entrar na cidade de outro modo que não seja pela força da granada ou do revólver. Esses desempregados e esses sub-homens reabilitam-se diante deles mesmos e diante da história.”(FANON,F., 1979, p. 107)

Assim, as relações locais entre os sujeitos desses espaços de exclusão serem portadoras de uma lógica própria, específica do modo de vida daquele grupo, com características e singularidades, embora parte da grande estrutura.

Exatamente por esse motivo, optamos em trabalhar em dois locus ao mesmo tempo diferentes e semelhantes. Distintos na especificidade de cada país e na singularidade de cada grupo, porém aproximados na sua condição de espaço social de exclusão, embora em diferentes blocos do capitalismo mundial.

Compreendemos que:

“Aparentemente o caos e a violência que se desencadeiam como parte do cotidiano vivenciado por essas populações, embora vivenciados cotidianamente e subjetivamente atinge milhares ou milhões de pessoas, porém não são resultado de práticas individuais, mas constituem a dinâmica característica da exclusão, das sociedades do Terceiro Mundo, que atingem o nível abaixo da linha da pobreza, que vivenciam a miséria, a falta de trabalho, moradia, condições de higiene e saúde básicas, enfim condição humana mínima e assim reagem dentro do possível, uma vez que encontram-se à margem do sistema produtor de mercadorias.”(PAULA, S.L., 1994, p.55)

Nesse quadro vimos trabalhando com populações e espaços de trabalhadores rurais, com movimentos sociais no campo e na cidade, junto à escolas, assentamentos e comunidades em geral que enquadram-se no perfil dos grupos e espaços de pobreza e exclusão social.

O presente trabalho nasceu das reflexões que há muito vem sendo realizadas por nós, no âmbito das relações de trabalho, das relações educativas, de gênero, no cotidiano dessas populações.

Assim, no sentido de avançar as reflexões que desenvolvemos há tempos, nos propomos a conhecer, analisar, comparar e compreender a diferente dinâmica de constituição de espaços sociais urbanos e periféricos em uma grande cidade do Brasil (um bairro de Ribeirão Preto /SP) e de Portugal (o bairro do Lagarteiro na cidade do Porto), tentando compreendê-las tanto em sua dinâmica interna, em suas relações e imbricações, em seus espaços de exclusão, como na sua dinâmica interna/ externa.

A partir dos diferentes espaços periféricos trabalharemos, a fim de pensar na diversidade de relações sociais e representações culturais, com um país central e um país periférico, na dinâmica da sociedade produtora de mercadorias (KURZ,1992), para que possamos captar, analisar e compreender, como nos disse Bourdieu (1997), no início desse trabalho, de que modo “(...) *confrontá-los como eles o são na realidade, não para relativizar, (...) mas, ao contrário para fazer aparecer, pelo simples efeito da justaposição, o que resulta no conflito de visões de mundo diferentes ou antagônicas.*”.

“(...) mostrar que os lugares ditos difíceis (como hoje o conjunto habitacional ou a escola) são, primeiramente difíceis de descrever e de pensar e que é preciso substituir as imagens simplistas e unilaterais (aquelas que a imprensa sobretudo veicula), por uma representação complexa e múltipla, fundada na expressão das mesmas realidades em discursos diferentes, às vezes inconciliáveis(...), abandonar o ponto de vista único, central, (...) em proveito da pluralidade de suas perspectivas correspondendo à pluralidade de pontos de vista coexistente e às vezes diretamente concorrentes.” (BOURDIEU, 1997, p. 11-12)

Entendemos que, para os fins dessa pesquisa, trabalhar, no cotidiano, com famílias desses espaços de exclusão nos leva à compreensão mais aproximada da dinâmica desses grupos.

O processo de transformação social, econômico e político no mundo do trabalho, na esfera da produção, exigiram uma grande transformação na esfera da reprodução social, no trabalho e no modo de produção familiar.

Com o processo de urbanização e industrialização há uma nova divisão social do trabalho e das esferas de produção e reprodução social, o que gerou uma nova e diferente separação das esferas doméstica e de trabalho, do espaço público e do privado, o que alterou as relações familiares e geracionais, principalmente com a predominância da família conjugal-nuclear, ou pelo menos a predominância do seu ideário, a fim de atender as novas necessidades do capital.

Nas fases iniciais do capitalismo industrial a predominância da esfera reprodutiva em função da produtiva, os homens e jovens adultos tornados trabalhadores, enquanto as mulheres cuidavam do espaço doméstico, da família, dos filhos, enfim da reprodução social, em famílias conjugais-nucleares, sustentou a vida urbana e o capitalismo, porém, essa estrutura familiar, bem como as relações de produção foram se reorganizando, se reestruturando, na medida em que rápidas e inúmeras transformações se foram processando no universo da produção.

As inovações tecnológicas e científicas na produção, nas relações de produção, do trabalho e do não trabalho, também modificaram profundamente as relações e estruturas familiares, o que nos levou a pensar que por meio do entendimento dessas relações poderíamos nos aproximar das relações e do *modus vivendi* característico desses espaços sociais.

Sabemos que, atualmente, o ideário de família conjugal-nuclear moderna tem convivido com novas formas/estruturas familiares.

Com muita frequência e de forma significativa encontramos famílias monoparentais, múltiplas, recompostas, alargadas, unipessoais, como alternativas de ajuste ou (re)ajuste às novas exigências da sociedade global.

A fim de compreendermos não somente a dinâmica estrutural capitalista, como a pluralidade de relações e representações dos sujeitos envolvidos em seu cotidiano, em suas diferenças e semelhanças entre os dois universos em estudo, optamos em utilizar uma metodologia que privilegiasse os aspectos qualitativos da pesquisa, junto às famílias dos espaços pesquisados. Não que desconsideraremos os dados quantitativos, mas, ao contrário, levaremos em conta o que os dados em quantidade (pesquisados em instituições, disponíveis junto aos órgãos sociais e governamentais, bem como estatísticas já disponíveis nos institutos e sites de pesquisa) nos revelam, em consonância com os dados em profundidade que coletamos ao longo do nosso trabalho.

Para tal utilizamos a observação e diário de campo, unidos a uma coleta fotos do bairro e redondezas, com a finalidade de aprender os espaços e suas relações cotidianas, bem como a entrevista abertas com famílias dos

bairros, no intuito de dar voz a esses moradores, integrantes desses espaços sociais, e assim compreendê-los em sua complexa dinâmica e profundidade.

Ao observar os grupos pesquisados, elencamos como aspectos significativos as relações de trabalho e não trabalho, infraestrutura e habitação, formas de sociabilidade e família e relações de gênero para centrar as nossas análises

Começando pelo bairro brasileiro (Ipiranga), como já expusemos anteriormente, um espaço marginal, na capital do agronegócio: espaços sociais que se cruzam e entrecruzam na dinâmica do capital.

A região de Ribeirão Preto é uma das regiões mais desenvolvidas do país no sector agroindustrial e sucro alcooleiro. Essa região, além de abastecer grande parte do mercado interno, com açúcar, álcool e biodiesel, exporta para várias partes do mundo a sua produção de frutas, extratos, sucos, etc. É um dos grandes pólos de produção e aperfeiçoamento do biocombustível no país. Região mais desenvolvida, produtiva e mais rica do país nesse setor, localizada no estado de São Paulo, que é a locomotiva econômica brasileira

Contraditoriamente, o Ipiranga bairro periférico da cidade de Ribeirão Preto é um espaço de trabalhadores e não trabalhadores que compõe-se, internamente, em pequenos espaços de pobreza e miséria (favelas) que convivem entre si,

Poderíamos arriscar que compõe-se enquanto um “celeiro de trabalhadores, desempregados e não trabalhadores”, de todas as partes da cidade. Até por essa característica justifica-se, pelas autoridades municipais, a oferta de transportes na variedade e tamanho que ele possui.

Ao contrário do que se pensa, a malha rodoviária em função do transporte de força de trabalho para os locais em que se precisa deles. Podemos, à olhos nus, apenas por observação do cotidiano, constatar, pelas manhãs, ônibus e vans abarrotados de empregadas domésticas indo para a região sul da cidade, trabalhar preferencialmente nos condomínios de luxo que lá existem. Transporte rural para trabalhadores do corte de cana e linhas repletas de trabalhadores para as zonas de comércio da cidade.

As escolas e creches abrindo por volta das 7 horas da manhã para abrigar as crianças, filhos de trabalhadores, que vão cheios de sono e, por vezes, os pequeninos, chorando pelo caminho, num tempo antecipado, para garantir a chegada dos trabalhadores aos seus respectivos empregos, enquanto trabalhadores do mercado informal de trabalho, com seus produtos e muitas vezes as sacolas e barracas improvisadas, dirigem-se à zona de comércio informal em vários locais da cidade.

À noite, o movimento em algumas de suas áreas é grande. O barulho das motocicletas, dos carros, dos consumidores que se deslocam de outras áreas da cidade para o comércio de entorpecentes. Todos os moradores sabem, mas o silêncio é reinante e ninguém nunca testemunha nada. Estratégias de sobrevivência dos espaços de segregação/exclusão.

Como já nos referimos anteriormente, esse é um bairro “celeiro de trabalhadores, desempregados e não trabalhadores” na cidade, com todas as características que já anunciamos.

Embora o bairro até ofereça uma rede institucional (escolas, creches, posto de saúde, etc) razoável, as condições de moradia, principalmente nos espaços favelados são precárias. Encontramos construções antigas, pequenas, mal conservadas e superlotadas, em alguns casos sem condições básicas de moradia.

A escolaridade é baixa, juntamente com salários e piores condições de vida e trabalho. Como forma de sobrevivência, nas condições desfavoráveis em que se encontram, estabelecem relações de parentesco, vizinhança, casamentos e famílias distintas do ideário dominante, muitas vezes, resgatando e adaptando formas de sociabilidade tradicionais para atender às necessidades e condições existentes.

O modelo de família conjugal-nuclear, embora ainda seja predominante em estatísticas gerais, no caso brasileiro, tem a proporção de 60% para famílias chefiadas pelos pais e 40% para famílias chefiadas por mulheres e parentela materna, de acordo com estatísticas do IBGE, o que nos revela uma significativa modificação desse modelo.

Em espaços periféricos, como o bairro que estamos estudando, há uma “rotatividade” de casamentos e relações conjugais, com a ausência dos homens junto às famílias, sejam como maridos ou como pais. Deparamo-nos com inúmeras famílias baseadas no parentesco materno. Jovens mães abandonadas pelos parceiros e acolhidas de forma mais ou menos hostil pelos familiares, em decorrência de separações, divórcios ou abandonos dos homens/maridos/pais.

Assim, as mulheres/mães, responsáveis pela manutenção do grupo familiar, integram o mercado de trabalho, formal ou informal, da maneira que conseguem, a fim de cuidar de si e dos filhos. Contam, para tal, com a colaboração dos próprios pais, que acolhem a filha e os netos separados ou abandonados pelos homens, os quais, vão, reiteradamente, constituindo novos núcleos familiares que, por vezes vão deixando pelo caminho, como uma trilha de casamentos, separações, filhos e abandonos, sob a responsabilidade de ex esposas, mães e parentela materna.

Torna-se comum essa prática masculina (homens/pais/namorados), que, em muitos casos, quando integram as famílias, acabam por fazer uso de álcool, drogas ou tráfico, bem como promover relações de violência doméstica junto à esposa e aos filhos. Fortemente influenciadas, por esses motivos, tem aumentados a presença das mulheres junto à atividade e gerenciamento do tráfico, tendo em vista que os homens acabam por morrer precocemente ou vão parar na prisão, o que tem levado as mulheres a assumir suas atividades e funções junto à ilegalidade e ao tráfico.

Não queremos nos esquecer ou menosprezar os homens/maridos/pais trabalhadores e responsáveis junto ao núcleo familiar, porém cabe-nos ressaltar a emergência de tais práticas nos universos empobrecidos e segregados.

Além da inserção ampliada no mercado de trabalho e atividades paralelas à ele, na reorganização dos agregados familiares, contam com pequenos benefícios sociais regulamentados pelo estado brasileiro, os quais colaboram timidamente para a sobrevivência do grupo.

Constitui-se, então, um (re)arranjo ou novo arranjo nas relações com a vizinhança e comunidade. As inúmeras famílias centradas na parentela feminina aglutinam-se e reorganizam-se entre famílias ligadas pelo parentesco ampliado, pela proximidade, pela vizinhança e reorganizam sua dinâmica de funcionamento, papéis e relações, diante do novo quadro que se coloca em suas vidas.

É comum que uma das mulheres da casa cuide da esfera doméstica/reprodutiva enquanto a(s) outra(s) ocupam seu lugar no espaço produtivo, possibilitando o sustento da família. Também é comum que uma das mulheres cuide das crianças de mais de uma família enquanto as outras mães trabalham fora. Vizinhança e familiares solidarizam-se na ajuda mútua, principalmente em situações graves e de risco. Acabam por reestruturar papéis e relações, a fim de manter-se em condições mínimas de vida.

Além das tarefas referentes a reestruturação das novas e distintas famílias, as mulheres, movidas pela forte religiosidade, envolvem-se nas tarefas e atividades variadas na igreja e na comunidade, no intuito de buscar alternativas para uma vida melhor. Assim, a religiosidade e as comunidades religiosas são marcantes na vida dessas mulheres e acabam por constituir-se como espaços de trabalho, solidariedade e lazer do grupo em questão.

Dessa forma as figuras femininas, nos espaços de segregação e exclusão, representam as figuras centrais, em todos os níveis, o que contraria o ideário feminino e de família burgueses ao longo da história:

As mulheres, embora relegadas ao silêncio patriarcal e machista, pela brutalidade dos sistemas e dos homens, ao longo dos séculos, jamais se renderam. Ocupam, apropriando-se da nossa herança de atuação e resistência, papéis e espaços sociais para além da discriminação e ideologia.

Injustiçadas pelo sistema, pela vida e pelos homens, em suas relações violentas sistêmicas e individuais, movem o cenário social de forma marcante, sem sequer perceber isso.

Embora sejam as protagonistas do script real, quando se encontram casadas com os homens, em muitos casos, agem de maneira subalterna, submetidas às vontades, opiniões e atitudes masculinas. Convivem e

aceitam, em proporção relevante, sua prática machista, desde as mais amenas às mais violentas física e psicologicamente.

O argumento machista, da dominação entre homens e mulheres, apesar da prática feminina contrária, persiste nas cabeças de parte delas, o que mantém o patriarcado e o machismo em suas inúmeras metamorfoses (SAFIOTTI, 1994)

Parte das mulheres ainda procuram, no nível do ideário social, o homem/marido provedor, cuidador, companheiro, pai, que em grande proporção não existe. Negam, em suas práticas sociais, a lógica patriarcal imposta, porém a reafirmam do ponto de vista ideológico. Diferentemente dos homens que abandonam mulheres, casas, filhos, emprego, ao longo do caminho. As mulheres assumem os filhos, a família, o trabalho, porém ainda se mantém os valores ideológicos machistas em muitas de suas práticas.

Para além do patriarcado, dos (re)arranjos familiares e conjugais, a sociabilidade nas/das ruas também é um traço presente no cotidiano desse bairro, e de forma recorrente, em muitos outros estudos sobre periferias e (ZALUAR, 1985).

O cotidiano também se vivencia no espaço das ruas. Seja pela diminuição do espaço ou sobrelotação nas habitações, seja pela negligência e abandono, o que se nota são as relações expostas, visíveis no âmbito das ruas. Brincadeiras, jogos entre crianças, relações amigáveis e não amigáveis entre parentes e amigos, na escola, no bairro, brigas entre casais, adultos, crianças e adultos, tumulto, enfim a vida e as relações se estabelecem, em parte, no espaço público, nas ruas.

Outros ainda vivem nas ruas por negligência, fuga ou abandono, (re)agrupam-se e (re)criam laços de amizade e familiares perdidos ou sequer vividos no grupo formado nas ruas e assim coabitam e convivem a partir desses novos laços. Esses agrupamentos não são muito comuns no nosso local de análise, mas formam-se em espaços como o bairro que estudamos e de forma mais recorrente, encontramos grupos de jovens, mulheres, crianças, idosos, entre muitos, que estabelecem entre si laços de identidade, religiosos, de amizade, colaboração e rivalidade, os quais delineiam distintas relações dentro do espaço estudado.

Criando e recriando formas de trabalho, agregados familiares, articulando modos de vida e sociabilidade distintos do ideário capitalista, assim os moradores do bairro Ipiranga sobrevivem nesse espaço de segregação/exclusão.

No caso do bairro do Lagarteiro utilizamos o mesmo modelo de análise rapidamente apresentado acima.

De modo semelhante ao bairro anterior, o Lagarteiro é um espaço de trabalhadores, desempregados e não trabalhadores, em parte envolvidos com atividades ilegais e com o tráfico de drogas. A quase totalidade dos que trabalham, pela baixa qualificação profissional, desempenham ocupações pouco remuneradas. Há muita recorrência de desemprego e não é incomum que famílias inteiras vivam de benefícios sociais por longos períodos.

É possível encontrarmos, por vezes, no estacionamento dos automóveis, carrinhas comercializando produtos à preço mais barato para aquela população e tanto quanto o tráfico de drogas, todos sabem que existe, são inúmeras as famílias que têm integrantes com esse tipo de atividade e problema, mas ninguém sabe de nada. O silêncio se faz como parte das suas estratégias de sobrevivência naquele espaço.

Contrariamente ao bairro anterior, o transporte é deficitário o que dificulta a frequência à escola para adultos e jovens, aos infantários mais afastados e aos trabalhadores e moradores em geral.

A escolaridade baixa, unida ao trabalho e salários insuficientes contribuem para piorar as condições de vida no bairro, Embora o bairro até ofereça uma rede institucional razoável (conforme Relatório Final Operação Lagarteiro, 2009), isso em pouco colabora para a melhoria das condições de vida precárias da população.

Encontramos construções antigas, pequenas, mal conservadas e superlotadas, como nos bairros periféricos brasileiros e outros bairros sociais em Portugal, em alguns casos sem condições básicas de moradia. Isso faz com que os moradores saiam para a rua, organizem-se e reorganizem-se em grupos por afinidade, identificação, religiosidade, solidariedade, atividades desempenhadas, idade, enfim, uma boa variedade de fatores que restabelecem no espaço das ruas o que não pode ser vivido nas casas e nas famílias,.

O uso e o tráfico de drogas é relativamente comum, pois grupos de jovens unidos por idade, identidade e aceitação acabam por agir de maneira gregária. Muitos optam por fumar, beber e usar drogas como traço identitário, o que pode levá-los à desestruturação individual e familiar. Uma vez usuários, a passagem para drogas pesadas e para o tráfico como forma de manutenção do vício ou renda é um curto trajeto com consequências arrasadoras e reincidentes nas famílias e no bairro.

Desse modo, como forma de sobrevivência, nas condições desfavoráveis em que se encontram, além da sociabilidade nas ruas, estabelecem relações de parentesco, vizinhança, casamentos e famílias distintas do ideário dominante, muitas vezes, resgatando e articulando formas de sociabilidade tradicionais para atender às novas necessidades e condições do grupo.

O modelo de família conjugal-nuclear, embora ainda pareça predominante em estatísticas gerais, no caso português, temos a proporção de 30,1% de famílias conjugais e 27% de famílias chefiadas por mulheres, acentuadamente pela parentela materna, o que representa uma grande mudança na organização familiar.

Também encontramos lares de idosos e famílias múltiplas, em muitos casos, com predomínio das figuras femininas – como no caso da família múltipla analisada nesse trabalho-, o que coloca em questão o modelo conjugal-nuclear.

No bairro do Lagarteiro, há uma composição de casamentos e relações conjugais, com a ausência pronunciada dos homens junto às famílias, sejam como maridos ou como pais.

Deparamo-nos com inúmeras famílias com suas relações baseadas no parentesco materno. Jovens mães abandonadas pelos parceiros e acolhidas de forma mais ou menos hostil pelos familiares, em decorrência de separações, divórcios, situação ilegal ou simplesmente abandono dos homens.

Assim, as mulheres/mães, responsáveis pela manutenção do grupo familiar, integram o mercado de trabalho, formal ou informal ou recorrem aos benefícios sociais, a fim de cuidar de si e dos filhos. Contam, para tal, com a colaboração dos próprios pais, que acolhem a filha – comumente com hostilidade principalmente por parte dos mesmos - e os netos separados ou abandonados pelos homens, os quais, vão, em muitos casos, constituir novos casamentos ou núcleos familiares.

Por vezes, esses mesmos homens/pais repetem a prática anterior em suas novas relações conjugais e familiares e vão deixando pelo caminho, sob a responsabilidade das ex esposas, mães e parentela materna, famílias inteiras. Além de tornar-se comum e reincidente essa prática masculina, e, em muitos casos, quando esses homens integram as famílias, acabam por fazer uso de álcool, drogas ou tráfico, bem como promover relações de violência doméstica junto à esposa e aos filhos.

Cabe evidenciar que homens/pais trabalhadores e responsáveis, junto ao núcleo familiar, existem, porém é importante ressaltar a emergência dessas práticas nos universos empobrecidos e segregados, pois faz-se muito comum e de reiteradas formas a recorrência aos benefícios sociais como saída para as situações de desemprego e sobrevivência do grupo familiar frente à sua desestruturação e reorganização em diferentes formatos.

Deparamo-nos então, frente à um (re)arranjo ou novo arranjo nas relações familiares junto a vizinhança e a comunidade. As inúmeras famílias centradas na parentela feminina aglutinam-se e reorganizam-se entre famílias ligadas pelo parentesco ampliado, pela proximidade, pela vizinhança e reorganizam sua dinâmica de funcionamento, papéis e relações.

É comum que uma das mulheres da casa cuide da esfera doméstica/reprodutiva (normalmente a avó) enquanto a(s) outra(s) ocupam seu lugar no espaço produtivo e possibilitam o sustento da família; isso quando não permanecem um longo período desempregadas e dependentes dos benefícios.

A vizinhança e familiares solidarizam-se na ajuda mútua, principalmente em situações graves e de risco. Acabam por reestruturar papéis e relações, a fim de manter-se em condições mínimas de vida. Moram amontoados numa só casa para não ficarem ao relento, ajudam-se com o pouco que possuem, enfim, colaboram entre si para amenizar a pobreza em geral.

Cabe lembrar que Baptista (1999) identifica problemas de aglomeração em habitações inadequadas desde as moradias na forma de ilha, porém ainda encontramos em espaços segregados/de exclusão situações recorrentes ao passado de ilhas.

A religiosidade fortemente marcada nas mulheres, acabam por constituir-se num traço de apoio para que mulheres e famílias inteiras, inclusive muitas unipessoais e de idosos, suportem as dificuldades do quotidiano.

Muito diferente do Brasil, encontramos casos em que algumas mulheres/mães maltratam as filhas/grávidas na adolescência, por o fazerem fora do casamento, das regras de Deus, o que torna a gravidez e a maternidade com todas as dificuldades que a caracterizam um grande sofrimento para essas jovens abandonadas. Recebem as filhas e netos, porém as julgam, sacrificam, humilham o que reproduz o ideário religioso patriarcal cristão e muito machista, embora entre essas práticas sejam estabelecidas entre as próprias mulheres.

Também encontramos esse tipo de comportamento em famílias com maridos/pais ausentes, (como em casos analisados por nós, em famílias extensas e múltiplas), em que as mulheres são responsáveis absolutas pelo funcionamento e sustento da casa, na ausência dos homens (no caso estudado, há o abandono das famílias por estarem presos, por atividades ilegais, roubo e tentativa de homicídio), onde mesmo ausentes, são quase que venerados pelo grupo familiar e toda a dinâmica do mesmo gira em torno das figuras masculinas.

De maneira impressionante, os valores ideológicos patriarcais e machistas reinam, principalmente, na cabeça e atitude de várias mulheres que, ao invés de buscar alternativas de independência, vivem cada vez mais em função da dinâmica e dos maridos ausentes.

As mulheres, acabam por aceitar a posição de relegada ao anonimato e à subordinação patriarcal e machista. Injustiçadas pelo sistema, pela vida e pelos homens, em suas relações violentas subjetivas e sistêmicas, movem-se, no cenário social, de forma marcante, mas sem sequer perceber isso, deixam os aplausos aos maridos ausentes.

Ainda procuram, no nível do ideário social, o homem/marido/pai provedor, que em grande proporção não passa de um desejo. Contrariamente, em suas práticas sociais, negam a lógica patriarcal da fragilidade, da dependência, do romantismo, da não ação, embora ainda não sejam capazes de se aperceber disso.

Diferentemente dos homens que abandonam mulheres, casas, filhos, emprego, ao longo do caminho, oprimidas pelo sistema e sua ideologia, pela vida e pelos homens, elas assumem as famílias com todos os encargos que com elas contraem, trabalham dentro e fora de casa e não tem tempo pra ser frágil, porém, em muitos casos acabam por acreditar-se menor, acreditar na ideologia patriarcal machista que as oprime.

As figuras femininas, nos espaços de segregação e exclusão, representam as figuras centrais, em todos os níveis, o que contraria o ideário feminino e de família burgueses e machistas, porém, ainda não se aperceberam disso.

Juntamente aos (re)arranjos nas relações, modo de vida e famílias podemos nos deparar com a sociabilidade nas/das ruas. Não fortemente marcada, mas bastante presente no cotidiano do bairro

Pelos mesmos motivos que isso acontece no bairro brasileiro (diminuição do espaço ou sobrelotação das habitações, negligência e abandono, relações expostas, por vezes visíveis no âmbito das ruas), as pessoas ou grupos acabam por reestruturar laços de amizade, familiares, perdidos ou sequer vivenciados nas próprias famílias ou demais esferas.

Aglutinados por identificação, necessidade de aceitação, pertencimento ao grupo, solidariedade, sobrevivência, acabam por estabelecer laços diversos e específicos de solidariedade nas ruas, como forma de vida no espaço ao qual pertencem.

Temos então, a recomposição, arranjos e (re)arranjos entre famílias, modos de vida capitalista e tradicional e diferentes formas de sociabilidade entre os sujeitos nesses espaços de segregação/exclusão.

Em termos gerais, podemos afirmar que tanto famílias portuguesas, quanto brasileiras fazem parte da classe trabalhadora, tem baixo nível de escolaridade, ancoram-se na presença e gerência familiar da mãe e seus familiares, mesmo quando o pai está presente, uma vez que a presença e importância dos pais é muito menor do que das mães, nos poucos casos em que ele se encontra.

Temos como comportamento comum e recorrente mulheres jovens, mães solteiras abandonadas pelos homens e apoiadas (quando isso acontece e de maneira mais ou menos hostil) pela família materna. A vivência familiar, em ambos os grupos, é repleta de precariedade de todas as ordens e as moradias são sempre repletas e insuficientes para as necessidades do grupo familiar

Encontramos a vinculação dessas famílias à atividades formais e não formais no mercado de trabalho, bem como à atividades ilegais, ao tráfico de drogas, ao vício (alcoolismo e uso de entorpecentes) e à violência doméstica.

De uma maneira impressionante e intrigante, encontramos em vários casos as mulheres vivendo em função de homens que sequer vivem com elas. Envolvidos com atividades ilegais, condenados, ou simplesmente ausentes, ainda permanecem na posição central do ambiente familiar, o qual move-se em torno das suas figuras, embora sejam as mulheres que cuidam e sustentam, em todos os níveis, toda a família.

Mulheres completamente independentes deles do ponto de vista financeiro, mas totalmente subservientes, afetiva e ideologicamente, às suas figuras, uma vez que nem presentes na família se encontram.

Em contrapartida, de modo mais incidente, no Brasil, mulheres que se rearticulam à outras mulheres estabelecendo entre si e o grupo familiar ampliado ou a vizinhança e comunidade, uma relação de colaboração mútua para sustento e sobrevivência do grupo, o que nos levou a perceber uma reestruturação das formas de sociabilidade capitalista que incluem um resgate e rearticulação de práticas de vida características da sociabilidade tradicional, bem como a vivência da sociabilidade nas/das ruas.

No Brasil, não há muitos benefícios sociais, ou ao menos não na mesma proporção que existe em Portugal. Trabalhadores e desempregados dispõem de poucos recursos e benefícios sociais, o que os leva, recorrentemente, à atividades não formais no mercado de trabalho ou à atividades ilegais para garantir a sobrevivência do grupo familiar, conforme declaram em seus depoimentos e nos mostram em suas práticas sociais.

Já, no caso português, os benefícios são em quantidade e extensão maiores, o que permite, em alguns casos, famílias inteiras, por períodos prolongados, viverem em função desses rendimentos.

No Brasil não há segregação de grupos por raça, etnia, nacionalidade, etc (como acontece com ciganos, negros, árabes, latinos, em toda a Europa). Na organização dos espaços sociais, em Portugal, especificamente no espaço estudado, percebemos essa prática com relação aos ciganos.

No caso brasileiro, diferentemente do caso português, há a “linha da miséria”, o que faz com que um maior número de pessoas vivam em condições pioradas. Guardando-se as diferentes proporções populacionais e de extensão territorial, para grupos do mesmo segmento social, as condições de vida, as dificuldades e características são muito próximas, uma vez que o capitalismo cria a dinâmica das classes sob a exploração do trabalho social e acumulação privada da produção, o que leva ao empobrecimento, à violência, ao vício e atividades ilegais dos grupos excluídos da acumulação de capital, compondo a dança entre continuidade e descontinuidades características do tecido social nesses espaços (GUERRA,1991) .

Embora cada espaço constitua a sua dinâmica, em maior ou menor extensão e densidade, o empobrecimento, a segregação e exclusão de um determinado grupo ou espaço social compõe tanto integrados como menos integrados ao capitalismo, uma vez que essa é a sua dinâmica de funcionamento e existência nos espaços estudados por nós.

Referências Bibliográficas

- Baptista, Luís Vicente. (1999) *Cidade e habitação social*, Oeiras: Celta Editora.
- Bourdieu, Pierre.(1997) *A Miséria do Mundo*, São Paulo: Brasiliense.
- Fanon, Franz (1979). *Os condenados da terra*, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Guerra, Paula (1991). *Tecido urbano actual – continuidade ou descontinuidade?*, in *Revista de Sociologia da Faculdade de Letras do Porto*, vol 1, série 1..
- Kurz, Robert (1992.). *O Colapso da Modernização*, Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Paula, Sandra Leila de (1994). *Sinalizando para contradições e conflitos entre alunos e professores no CEMEI Virgílio Salata*, Araraquara, dissertação de mestrado, (mimeo).
- RELATÓRIO FINAL OPERAÇÃO LAGARTEIRO* (2009) – *uma intervenção alicerçada na participação*, Lisboa.
- Safiotti, Heleieth (, 1994), *O Poder do Macho*, São Paulo: Moderna
- Teixeira, Manuel Antonio Correia (, 1992). *As estratégias de habitação em Portugal*, in *Análise Social*, vol XXVII, n 115.
- Ventura, Zuenir (2008). *Cidade Partida*, São Paulo: Companhia das Letras.
- Zaluar, Alba (, 1985) *A Máquina e a Revolta: As organizações populares e o significado da pobreza*. São Paulo: Brasiliense.